

ANAIS

II SIMPÓSIO DE MEDICINA VETERINÁRIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO CESMAC



MARECHAL DEODORO-AL
21 a 25 de Maio de 2012

REALIZAÇÃO:

Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac.

APOIO INSTITUCIONAL:

Grupo de Dissecção de Peças Anatômicas (GDPA), Grupo de Estudo e Pesquisa em Equídeos (GEPE), Grupo de Estudos em Animais Selvagens (GEAS) e Centro Acadêmico de Medicina Veterinária do Cesmac (CAMV).

COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO:

Coordenador do curso de Medicina Veterinária: Prof. Dr. Giulliano Aires Anderlini - Cesmac

Coordenadora geral do evento: Profa. Msc. Maria Evódia de Sousa – Cesmac e UNEAL

Tesoureira: Profa. Msc. Cláudia Alessandra Alves de Oliveira- Cesmac

Profa. Msc. Flávia Figueiraujo Jabour - Cesmac

Profa. Msc. Gilsan Aparecida de Oliveira - Cesmac

Prof. Msc. Isaac Manoel Barros Albuquerque- Cesmac

Profa. Msc. Liana Mesquita Vilela - Cesmac

Profa. Msc. Luisa Gouvêa Teixeira - Cesmac

Prof. Msc. Roberto Romulo Ferreira da Silva- Cesmac

COMISSÃO CIENTÍFICA:

Profa. Msc. Flávia Figueiraujo Jabour - Cesmac

Profa. Msc. Liana Mesquita Vilela - Cesmac

Profa. Msc. Luisa Gouvêa Teixeira – Cesmac

PATROCÍNIO:

Agroceres Multimix, Alagoas Pet, Animais.com Clínica Veterinária & Pet Shop, Centrovvet Centro de Diagnóstico Veterinário, Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de Alagoas, Equalis Ensino e Qualificação Superior, Grupo Organnact, Oficina de Papel Artesanal Feliz Deserto, Seta Comunicação & Visual e SOS Selvagens/AL.

SUMÁRIO

RESUMOS

ABORTO ENZOÓTICO POR CLAMIDIOSE EM OVINOS – UMA BREVE REVISÃO.....	4
ARAUJO, M.V.; EMERY, B.D.; BRANDÃO, R.R.G.; SILVA, B.C.; TELES, J.A.A.; SILVA JÚNIOR, F.F.	
EFEITOS DO USO DE ANTICOCCIDIANOS SINTÉTICOS E IONÓFOROS NA AVICULTURA INDUSTRIAL.....	5
SILVA, M.P.P.; MARTINS-BASTOS, I.V.	
ESPOROTRICOSE EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA.....	6
BARBOSA, S.M.V.; CASTRO, M.E.M.S.; SILVA JÚNIOR, F.F.; TELES, J.A.A.; ALBUQUERQUE, I.M.B.; SILVA, R.R.F.	
FERRAGEAMENTO CORRETIVO APLICADO NA TERAPÊUTICA DE RUPTURA TENDÍNEA-RELATO DE CASO.....	7
GALVÃO, M.M.A.; SILVA, M.C.P.; PIATTI, J.P.V.N.; ALBUQUERQUE, I.M.B.; TEIXEIRA, L.G.	
FIBROSSARCOMA PÓS-VACINAL EM FELINO - RELATO DE CASO.....	8
MENEZES, R.R.; LOPES, T.H.; JABOUR, F.F.; SOUZA, G.P.A.	
FREQUÊNCIA DE ENDOPARASITAS GASTRINTESTINAIS DE SUÍNOS DA FAZENDA ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO CESMAC, MARECHAL DEODORO/ AL.....	9
LUIZ, C.S.; SILVA, L.F.B.; COSTA, A.B.B.; SILVA JÚNIOR, F.F.; MARTINS-BASTOS, I.V.	
FREQUÊNCIA DE HEMOPARASITOS EM CÃES DOMÉSTICOS DE UM ASSENTAMENTO AGRÍCOLA NO MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS DO QUITUNDE / AL.....	10
GALDINO, G.P.; SILVA, I.S.; BEZERRA, R.M.A.M.; FARIAS JUNIOR, E.C.; SOBRINHO, J.P.P.; MARTINS-BASTOS, I.V.	
HIPOSPADIA CANINA – RELATO DE CASO.....	11
SANTOS, J.M.F.; VIEIRA, R.C.R.; VILELA, L.M.	
IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO DA CONCENTRAÇÃO PLASMÁTICA DE FIBRINOGENIO NA HEMATOLOGIA EQUINA.....	12
SILVA, L.F.B.; COSTA, A.B.B.; LUIZ, C.S.; MARTINS-BASTOS, I.V.	
IMPORTÂNCIA DA COCCIDIOSE NA AVICULTURA DE CORTE.....	13
SILVA, M.P.P.; MARTINS-BASTOS, I.V.	
IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO ANATOMOPATOLÓGICO DE ANIMAIS SILVESTRES EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	14
PIRES, A.P.C.; LEITE, H.R.; BRANDÃO, M.S.; JABOUR, F.F.; ALBUQUERQUE, I.M.B.	
RUPTURA DE LIGAMENTO CRUZADO CRANIAL EM CÃO - RELATO DE CASO.....	15
BULHÕES, A.A.V.C.; BEZERRA, H.T.; SANDES, M.S.; MIRANDA, V.K.; TENÓRIO, W.; VILELA, L.M.	
SÍNDROME DA DILATAÇÃO VOLVO GÁSTRICA EM CÃO – RELATO DE CASO.....	16
SANDES, M.S.; BULHÕES, A.A.V.C.; BEZERRA, H.T.; ARAÚJO, T.L.; VILELA, L.M.; TABOSA, J.H.C.	
TÉCNICAS DE MACERAÇÃO EM CRÂNIOS DE PINGUINS DE MAGALHÃES (<i>Spheniscus magellanicus</i> - Forster, 1781).....	17
NOGUEIRA, A.C.J.; MELO, E.G.; SOARES, E.E.; ALBUQUERQUE, I.M.B.	

ABORTO ENZOÓTICO POR CLAMIDIOSE EM OVINOS – UMA BREVE REVISÃO

ARAUJO, M.V.^{1*}; EMERY, B.D.¹; BRANDÃO, R.R.G.¹; SILVA, B.C.¹; TELES, J.A.A.²; SILVA JÚNIOR, F.F.²

¹Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: mariana.araujo18@gmail.com

Palavras chave: aborto, ovelhas, *Chlamydomphila*

O aborto enzoótico tem grande importância econômica para a ovinocultura. É causado por bactérias do gênero *Chlamydomphila*, sendo a espécie *C. abortus* mais frequentemente associada a problemas reprodutivos em pequenos ruminantes. São microrganismos intracelulares obrigatórios e possuem forma infectante (corpo elementar – CE) e vegetativa (corpo reticular – CR). No Brasil apesar de não haver dados sobre a ocorrência da doença, o microrganismo já foi isolado em tecidos animais além da positividade sorológica também já ter sido relatada. A infecção pode ser adquirida por via oral ou por contato. A principal fonte de infecção é a placenta, seguida do fluxo vaginal de ovelhas que abortaram, o ambiente contaminado e restos fetais abortados. A bactéria se multiplica no epitélio coriônico de vários placentomas causando alterações na placenta com conseqüente abortamento ou parto prematuro de neonatos debilitados. O abortamento ocorre nas duas ou três últimas semanas de gestação. Pode ocorrer retenção de placenta, vaginite, endometrite e ainda infecção bacteriana secundária que levará o animal a um quadro de metrite e até mesmo morte. O diagnóstico é realizado através do isolamento da bactéria, testes sorológicos e moleculares. A antibioticoterapia é realizada no tratamento. O controle é baseado na vacinação dos rebanhos, manejo sanitário adequado, controle de entrada de animais no rebanho e antibioticoterapia profilática. Devido à importância do diagnóstico da infecção e a escassez de relatos da doença no Brasil, objetiva-se com este estudo fazer uma breve revisão para esclarecer os aspectos relacionados a essa doença.

II Simpósio de Medicina Veterinária do Cesmac

CESMAC
CENTRO UNIVERSITÁRIO

EFEITOS DO USO DE ANTICOCCIDIANOS SINTÉTICOS E IONÓFOROS NA AVICULTURA INDUSTRIAL

SILVA, M.P.P.¹; MARTINS-BASTOS, I.V.^{2*}

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: isavmartins@hotmail.com

Palavras-chave: frango, coccidiose, compostos sintéticos, ionóforos, nicarbazina

Os anticoccidianos são produtos que, adicionados a ração, têm a finalidade de prevenir, bem como, tratar a coccidiose nas aves, infecção causada por protozoários do gênero *Eimeria*, que acometem o intestino desses animais, comprometendo seu desenvolvimento. Essas drogas são comumente referidas na prática aviária como divididas em duas categorias: compostos químicos sintéticos (amprolium, clopidol, nicarbazina, robenidina...) e ionóforos poliéter (maduramicina, monensina, narasin, lasalocida...), apresentando diferentes modos de ação sobre os parasitas. Apesar de melhorar a performance dos animais por reduzir os níveis de oocistos de *Eimeria*, estas drogas podem também trazer prejuízos aos animais se mal administradas. Dessa forma, objetivou-se realizar um levantamento bibliográfico sobre os efeitos do uso de anticoccidianos sintéticos e ionóforos na avicultura industrial, a partir de livros e artigos encontrados em periódicos e portais científicos. Os anticoccidianos são drogas usadas individualmente ou em associação, profilaticamente misturadas à ração durante toda a vida do animal, através de programas planejados em granjas de corte, ou em tratamentos no caso de surtos. Esses compostos podem atuar como coccidiocidas, matando o parasita, ou coccidiostáticas, paralisando os parasitas sem destruí-los. Esses medicamentos reduziram muito a mortalidade das aves, entretanto, as perdas econômicas devido a morbidade persistem até hoje em decorrência da má administração desses medicamentos. Em altas concentrações, podem deprimir o apetite das aves. Outro fator limitante é o desenvolvimento de resistência parcial ou total desses protozoários pelo seu uso indiscriminado. Nos ionóforos, os sinais de intoxicações dos animais caracterizam-se por anorexia, depressão, fraqueza, movimentos relutantes, dispnéia, alterações cardiocirculatórias, redução da ingestão de ração e, conseqüentemente do peso corporal, com elevado índice de refutação de aves no plantel. O uso dos sintéticos em determinadas situações, como, por exemplo, a nicarbazina, pode causar diminuição no ganho de peso e retardo no crescimento de frangos e aumentar a suscetibilidade dos animais aos efeitos do stress pelo calor, em decorrência da interferência deste medicamento nos mecanismos termorreguladores, o que pode acarretar mortalidade das aves. Isso favorece o seu uso descontínuo, limitando a exposição prolongada nas granjas, já que essa droga não será administrada às aves nas estações quentes do ano. Quando administrada a aves em fase de postura, a nicarbazina pode acarretar diminuição da eclodibilidade, despigmentação da casca e queda da postura. Com a finalidade de evitar a presença de resíduos de anticoccidianos em produtos avícolas, foram fixados períodos de retirada ou de carência para cada um desses produtos, geralmente entre 3 a 7 dias antes do abate. Embora os anticoccidianos apresentem uma ótima efetividade frente a coccidioses, melhorando o desempenho das aves, e por isso, serem bastante utilizados na avicultura, principalmente de forma profilática, não se pode descartar a importância de um monitoramento contínuo, com alteração no esquema do uso dessas drogas nas granjas, minimizando assim, os efeitos deletérios sobre os animais e, assim, os prejuízos econômicos decorrentes desses efeitos.

ESPOROTRICOSE EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA

BARBOSA, S.M.V.¹; CASTRO, M.E.M.S.²; SILVA JÚNIOR, F.F.³; TELES, J.A.A.³; ALBUQUERQUE, I.M.B.³; SILVA, R.R.F.³

¹Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Graduada em Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro – AL, Brasil.

³Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: sheyllabarbosa@yahoo.com.br

Palavras-chave: micose, ulcerações, zoonose, gatos domésticos

A esporotricose é uma micose subcutânea causada pelo fungo dimórfico *Sporotrix schenckii*, o qual apresenta ampla distribuição geográfica, sendo considerada zoonose emergente. Objetivou-se com este trabalho descrever os achados clínicos mais importantes da esporotricose em gatos domésticos, os exames complementares mais empregados na busca do diagnóstico e a terapêutica mais utilizada atualmente. Enfatizou-se ainda o potencial zoonótico desta enfermidade e sua importância na rotina da clínica médica de felinos, onde a transmissão do gato para o homem pode se dar por meio de arranhaduras, mordeduras ou até mesmo através do simples contato. Essa doença pode se manifestar na forma cutânea, cutâneo-linfática ou sistêmica, porém, em gatos a forma cutânea é a mais frequente. Os animais acometidos apresentam lesões circulares elevadas, alopecias, com crostas e ulceração central, geralmente localizada no dorso, tronco, cabeça ou ainda nas extremidades. Anormalidades oculares, neurológicas e/ou linfáticas também podem estar presentes. Em felinos o diagnóstico da esporotricose baseia-se principalmente no exame citológico de secreção das lesões e na avaliação do aspirado feito por agulha fina, devendo ser confirmado através da cultura fúngica. O diagnóstico diferencial inclui doenças bacterianas, outras doenças fúngicas, condições neoplásicas e infecções parasitárias. Atualmente, o itraconazol é a droga mais empregada no tratamento da esporotricose felina, devendo este ser continuado até a negatização da cultura fúngica ou até 30 dias após a cura clínica.

II Simpósio de Medicina Veterinária do Cesmac

CESMAC
CENTRO UNIVERSITÁRIO

FERRAGEAMENTO CORRETIVO APLICADO NA TERAPÊUTICA DE RUPTURA TENDÍNEA - RELATO DE CASO

GALVÃO, M.M.A.¹; SILVA, M.C.P.¹; PIATTI, J.P.V.N.; ALBUQUERQUE, I.M.B.²; TEIXEIRA, L.G.^{2*}

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: lugteixeira@yahoo.com.br

Palavras-chave: equino, pinça estendida, tendão extensor digital longo

Os tendões extensores digitais dos equinos são responsáveis pelo suporte do peso dos membros nas fases de elevação e avanço na locomoção. A ruptura destes tendões nos membros torácicos e pélvicos é comum nos equinos, sendo os pélvicos 90% mais afetados. Este relato descreve o caso de um equino de três anos de idade, atendido na Clínica Escola de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, apresentando sinais clínicos de ruptura traumática do tendão do músculo extensor digital longo. Durante a anamnese o proprietário relatou que havia 30 dias que o animal prendeu o membro pélvico direito entre duas tábuas, realizando forte movimento de flexão com este membro para livrar-se do objeto. Em seguida, o animal apresentou claudicação e perda do eixo podofalangeano neste membro. Ao exame físico em repouso, observou-se projeção cranial da articulação metatarsofalangeana. Ao movimento, o animal arrastava a pinça e apoiava no solo a face dorsal do casco do membro pélvico direito. Ao exame radiográfico não havia alterações. O tratamento conservativo da ruptura tendínea constituiu em penso de sustentação, utilizando-se tala de PVC, o qual se estendeu desde a região metatarsica proximal até os talões do casco, impossibilitando a flexão das articulações distais. Após sete dias realizou-se ferrageamento corretivo por meio de ferradura com a pinça estendida em 7,5 cm. Esta apresentava o guarda casco perfurado em sua extremidade, através da qual foi conectada uma borracha com dois metros de comprimento, que se prendia ao terço inferior do pescoço do equino. Assim, proporcionava-se o avanço do membro acometido durante a locomoção, evitando a projeção cranial exacerbada da articulação metatarsofalangeana. Quatro dias após o ferrageamento corretivo retirou-se o penso de sustentação e o animal demonstrou-se adaptado à ferradura, com capacidade de avanço, elevação e extensão do membro durante a locomoção. Recomendou-se a permanência do animal em espaço restrito e que este não realizasse exercício durante 90 dias. O diagnóstico da ruptura traumática do tendão do músculo extensor digital longo baseia-se na apresentação clínica, como flexão involuntária e instabilidade das articulações distais do membro, arrastamento da pinça do casco e a face dorsal da articulação metatarsofalangeana tocará o solo, como observado neste relato. A radiografia é o principal exame auxiliar e visa avaliar a integridade óssea e articular. Em muitos casos de ruptura, os tendões extensores não são suturados, cicatrizando por segunda intenção, e a permanência de pensos com tala de PVC é recomendada por curtos períodos. A aplicação de extensão na ferradura na região da pinça do casco é uma das formas mais efetivas de tratamento destes casos, objetivando promover a distribuição do peso do animal para as porções posteriores do casco e, ainda, atrasar o momento de saída do casco do chão, facilitando a extensão. No presente relato, o uso do ferrageamento corretivo demonstrou-se viável no tratamento da ruptura do tendão do músculo extensor digital longo, apresentando-se efetivo para remissão dos sinais clínicos do paciente.

FIBROSSARCOMA PÓS-VACINAL EM FELINO - RELATO DE CASO

MENEZES, R.R.¹; LOPES, T.H.¹; JABOUR, F.F.²; SOUZA, G.P.A.²

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: raissa.raposo@gmail.com

Palavras-chave: sarcoma, felino, aplicação, diagnóstico

Os tumores de pele e de tecidos moles representam a classe mais comum das neoplasias. Nos felinos, o fibrossarcoma constitui o tipo histológico mais comum. Estudos recentes demonstraram que, embora a aplicação das vacinas anti-rábicas e contra o vírus da Leucemia Felina, sejam as mais implicadas com o aparecimento do tumor, existem relatos que citam a ocorrência destes após a aplicação subcutânea e intramuscular da vacina tríplice felina e de fármacos como antibióticos, dexametasona, metoclopramida, corticosteróides. A ocorrência dos tumores está relacionada também com adjuvantes utilizados nas vacinas, como o alumínio, presente em vacinas produzidas por vírus mortos ou inativados. Classicamente, observam-se dois tipos distintos de apresentação clínica: a forma multicêntrica dos gatos jovens (geralmente com menos de 4 anos de idade), causada pelo Vírus do Sarcoma Felino (FeSV), um Oncornavírus da família Retroviridae, e uma forma solitária tanto nos jovens como nos adultos, em que o FeSV não parece estar implicado. Estas neoplasias apresentam-se geralmente como formações solitárias, firmes ou aderidas a planos profundos e o diagnóstico definitivo é realizado através do exame histopatológico. Esse trabalho tem como objetivo relatar um caso de fibrossarcoma pós-vacinal em uma fêmea felina com 8 anos de idade sem raça definida que foi atendida em uma clínica veterinária em Maceió, apresentando uma formação nodular de evolução rápida, consistência firme e solitária localizada na região lombar. A paciente foi submetida a exames pré-operatórios de rotina e encaminhada à cirurgia para exérese do nódulo. O material foi armazenado em formol a 10% e encaminhado ao laboratório de histopatologia da clínica-escola de Medicina Veterinária do Cesmac. No exame histopatológico foi observada uma massa de células com formato fusiformes ou alongadas, arranjadas em redemoinho. As células se apresentavam de vários tamanhos e algumas se caracterizavam por ser anaplásicas, formando células gigantes multinucleadas. O diagnóstico foi baseado no histórico de aplicação vacinal, apresentação clínica do tumor e concluído pelo exame histopatológico. Considerando que esta é uma neoplasia comum e maligna em felinos o diagnóstico histopatológico é fundamental para estabelecer o prognóstico e tratamento adequado.



FREQUÊNCIA DE ENDOPARASITAS GASTRINTESTINAIS DE SUÍNOS DA FAZENDA ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO CESMAC, MARECHAL DEODORO / AL

LUIZ, C.S.¹; SILVA, L.F.B.¹; COSTA, A.B.B.¹; SILVA JÚNIOR, F.F.²; MARTINS-BASTOS, I.V.^{2*}.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: isavmartins@hotmail.com

Palavras-chave: parasitas internos, suínos, confinamento, helmintos gastrintestinais, coccídeos

As endoparasitoses gastrintestinais, um dos mais antigos problemas de saúde presentes em todas as fases de exploração suinícola, produzindo efeitos deletérios, influentes na capacidade produtiva dos rebanhos, representa um dos fatores limitantes das criações, sendo ainda pouco conhecidas e mais associadas às criações extensivas. Essas infecções nem sempre são aparentes, persistindo em níveis subclínicos por extensos períodos, causando, muitas vezes, a morte dos animais. O manejo preventivo de infecções parasitárias é a técnica mais econômica na criação de suínos. Contudo, poucos têm sido os estudos referentes à infecção por endoparasitos gastrintestinais em suínos no Brasil. Esta defasagem em pesquisas nesta área é particularmente evidente em relação à região Nordeste. Dessa forma, objetivou-se com esse trabalho estudar a frequência de endoparasitas gastrintestinais de suínos da Fazenda escola de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, localizada no município de Marechal Deodoro/AL. Foram coletadas amostras de fezes de 13 suínos, diretamente da ampola retal, de diferentes idades variando de 03 meses a 02 anos, sendo 03 machos e 10 fêmeas, pertencentes às raças Large White e Pietrain, de criação intensiva sem presença de lâmina d'água, e em diferentes fases de exploração. Para o diagnóstico, foi utilizada a técnica coproparasitológica de flutuação espontânea em solução de sacarose e posterior análise em microscopia óptica, em objetiva de 10x e 40x, para visibilização de formas evolutivas de endoparasitas gastrintestinais. Foi observado positividade em 100% das amostras fecais para oocistos de protozoários e/ou ovos de helmintos. Os 13 animais apresentavam-se positivos para ovos do tipo Strongyloidea. Destes, 30,76% (04/13) apresentavam infecções simples. Infecções mistas destes helmintos foram observadas em 69,23% (09/13), sendo 77,78% (07/09) associados a oocistos de *Isospora suis* e 22,22% (02/09) a ovos de *Trichuris suis*. Altos índices de infecções por espécies de helmintos encontrados neste trabalho são muito frequentes em animais criados de forma extensiva, inclusive em associações. Apesar do sistema de produção adotado ser do tipo confinado, observou-se frequência elevada de parasitismo, sendo o manejo um fator que pode ter favorecido para a manutenção e a disseminação destas infecções.



FREQUÊNCIA DE HEMOPARASITOS EM CÃES DOMÉSTICOS DE UM ASSENTAMENTO AGRÍCOLA NO MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS DO QUITUNDE / AL

GALDINO, G.P.¹; SILVA, I.S.¹; BEZERRA, R.M.A.M.²; FARIAS JUNIOR, E.C.³; SOBRINHO, J.P.P.¹; MARTINS-BASTOS, I.V.^{4*}

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Técnica de Laboratório do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

³Médico Veterinário, Secretaria do Estado de Agricultura e Desenvolvimento Agrário/SEAGRE, Penedo, AL, Brasil.

⁴Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: isavmartins@hotmail.com

Palavras-chave: *Anaplasma platys*, caninos, hemoparasitoses

Os hemoparasitos têm grande relevância na clínica médica veterinária, devido à frequência em que ocorrem, acometendo várias espécies de animais, principalmente cães. Causando enfermidades de ocorrência mundial, esses parasitos intracelulares obrigatórios de células sanguíneas são transmitidos biologicamente por artrópodes hematófagos, entre eles o carrapato do cão, *Rhipicephalus sanguineus*. As espécies mais comuns de hemoparasitos de cães são as rickettsias *Ehrlichia canis* e *Anaplasma platys*, parasitando leucócitos e plaquetas, respectivamente, a Mycoplasmatacea *Mycoplasma haemocanis*, em hemácias, e os protozoários *Babesia canis* e *Hepatozon canis*, observados em hemácias e leucócitos desses animais. Dessa forma, objetivou-se com este trabalho estudar a frequência de hemoparasitos em cães domésticos de um assentamento agrícola no Município de São Luís do Quitunde / AL. Para isso, foram coletadas amostras sanguíneas por venopunção da cefálica, após anti-sepsia local, de 37 cães domésticos, de ambos os sexos, sem raça definida, com idades variando entre 4 meses e 14 anos, provenientes de um assentamento agrícola, no Município de São Luís do Quitunde/AL, no mês de agosto de 2010. Essas amostras foram armazenadas em tubos contendo anticoagulante EDTA, refrigeradas em caixas isotérmicas com gelo reciclável e encaminhadas ao Laboratório de Doenças Parasitárias da Clínica escola de Medicina Veterinária, do Centro Universitário Cesmac, em Marechal Deodoro/AL, para confecção de esfregaços sanguíneos em lâminas de vidro para microscopia, corados com corante rápido para hematologia. Em seguida, foram analisadas em microscópio óptico, sob a objetiva de imersão (100x), para possível visibilização de formas evolutivas de hemoparasitas. Foi observada uma frequência de 5,4% (02/37) de hemoparasitos, onde 100% das amostras foram positivas para mórulas de *Anaplasma platys*, sendo este o achado mais frequentemente relatado na literatura. A baixa sensibilidade do método de diagnóstico por esfregaço sanguíneo, apesar de sua alta especificidade, pode justificar o baixo índice de positividade para hemoparasitos no presente estudo, podendo apresentar falsos negativos na fase de baixa parasitemia, sendo mais indicada para o diagnóstico na fase aguda da infecção. Alguns parasitos podem ser de difícil visibilização, comprometendo sua identificação, principalmente após a fase aguda da doença. Conclui-se que a frequência de hemoparasitos nas amostras estudadas de cães de assentamento agrícola de São Luís do Quitunde/AL foi baixa, destacando-se, porém, a infecção por *Anaplasma platys*. Fatores como fase de infecção e baixa parasitemia podem ter sido limitantes para a observação de outros hemoparasitos neste estudo.

HIOSPADIA CANINA – RELATO DE CASO

SANTOS, J.M.F.^{1*}; VIEIRA, R.C.R.¹; VILELA, L.M.²

¹Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: jaquelinemfsantos@gmail.com

Palavras-chave: disfunção congênita, prepúcio, cão, uretra

As afecções do pênis e prepúcio são casos clínicos frequentes na rotina de trabalho dos médicos veterinários. Dentre essas, destaca-se a Hipospadia, que é uma má formação congênita da uretra anterior, na qual o meato urinário fica localizado em situação ventral ao pênis. O encurvamento peniano e a localização do meato uretral são fatores essenciais ao diagnóstico da hipospadia e influenciam diretamente na classificação e no grau de complexidade do caso. Na literatura, os casos de hipospadias são classificados em: anatômica; perineal; escrotal e proximal; eixo médio e distal ao pênis; subcoronal; coronal; sendo a anatômica a classificação mais comum. Para a correção da hipospadia é necessária a intervenção cirúrgica, e dependendo da complexidade do caso, pode-se haver a necessidade de mais de uma intervenção para obter um bom resultado. E se não corrigida em tempo hábil, há um grande risco de haver infecção local em função do acúmulo indevido de urina no prepúcio. As técnicas mais utilizadas nesse processo são: a reconstrução prepucial, a reconstrução uretral, a amputação peniana subtotal ou total, além de técnicas associadas dependendo da avaliação do cirurgião. Em função dos fatos mencionados, o objetivo deste trabalho foi relatar um caso de hipospadia em um canino macho, da raça American Staffordshire Terrier, com dois meses de idade e pesando 2 kg, atendido no Hospital Escola de Medicina Veterinária do CESMAC. O animal apresentava anormalidade na uretra da região perineal até o prepúcio distal, sendo o meato urinário ventral ao pênis e, este exposto com ausência de canal uretral. O exame clínico revelou a presença de osso peniano, saco escrotal e testículos. Observou-se também a presença de um orifício próximo aos testículos, proveniente de um desvio da uretra, onde foi constatada a saída da urina. Não houve resistência à passagem da sonda sentida “orifício – bexiga”, no entanto observou-se uma obstrução no sentido “orifício – pênis”, o que impossibilita a saída da urina pelo pênis. Somado a isso, foram realizados exames radiológicos simples (lateral, dorsal e ventral) onde foi constatado um aumento no ventrículo direito e a má formação do sacro e acetábulo, havendo a possibilidade da evolução do caso para uma displasia coxofemoral. De acordo com relatos bibliográficos, os sinais clínicos sugerem o diagnóstico de hipospadia. Nesse caso a cirurgia é inevitável, pois visa à correção estética e funcional da genitália masculina, sendo recomendada em idades superiores a dois meses. O animal será acompanhado mensalmente até o sexto mês quando será realizada a intervenção cirúrgica e durante esse período será definida qual a melhor técnica para a solução do caso.

IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO DA CONCENTRAÇÃO PLASMÁTICA DE FIBRINOGÊNIO NA HEMATOLOGIA EQUINA

SILVA, L.F.B.¹; COSTA, A.B.B.¹; LUIZ, C.S.¹; MARTINS-BASTOS, I.V.^{2*}

¹Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: isavmartins@hotmail.com

Palavras-chave: proteína plasmática total, fibrinogênio plasmático, fase aguda, equinos

O fibrinogênio encontra-se livre no sangue e dentro dos grânulos plaquetários é uma glicoproteína importante na fase aguda produzida no fígado, constituindo aproximadamente 5% da proteína plasmática total nos processos inflamatórios de várias causas. Atua como substrato para a trombina na cascata de coagulação resultando na formação de monômeros de fibrina, a avaliação dos percentuais de fibrinogênio assume papel importantíssimo no prognóstico de diversas doenças em equinos como a coagulação disseminada, fibrinólise, doenças hepáticas além de ser um bom indicador prognóstico em cavalos com cólica. Dessa forma, objetivou-se realizar um levantamento bibliográfico sobre a importância da avaliação da concentração plasmática de fibrinogênio na hematologia equina, a partir de livros e artigos encontrados em periódicos e portais científicos. O fibrinogênio plasmático assume um importante papel nos processos inflamatórios através de sua conversão em fibrina, que suporta proliferação de fibroblastos para reparação desses processos. Sua concentração plasmática pode elevar-se entre três a quatro dias e permanecer alto por vários dias ou semanas como nas doenças crônicas. Em equinos, sua vida útil tem em média 5 dias, e apresenta-se alterado nos processos inflamatórios, traumáticos e neoplásicos. Geralmente a resposta do fibrinogênio inicia-se com as respostas dos leucócitos, persistido por mais tempo que os leucócitos. Sua pesquisa chega a ser considerada, em certas circunstâncias, mais segura que a contagem total de leucócitos para o diagnóstico dos processos inflamatórios. Valores abaixo de 400 mg/dL são considerados normais, enquanto os valores medidos acima de 400 mg/dL sugerem presença de foco inflamatório. Atinge pontos máximos entre o quinto e sétimo dia desses processos. Alterações que variam de 500 a 600 mg/dL ocorrem na fase inicial, porém atinge níveis acima de 1000 mg/dL em estágios avançados de um processo agudo ou nos problemas crônicos. Hipofibrinogenemia é observada em lesões severas do fígado, pois não há formação do fibrinogênio. Os valores do fibrinogênio plasmático podem ainda variar de acordo com a raça e grau da infecção dos animais em questão, sendo tal afirmação de significativa relevância para o reconhecimento das mais variadas enfermidades em equinos e na confecção no laudo laboratorial. O método do refratômetro é um procedimento simples e eficaz para a determinação dos níveis plasmáticos do fibrinogênio. A determinação do fibrinogênio plasmático deve ser utilizada na rotina em clínicas de equinos não só para a confirmação do diagnóstico de enfermidades de coagulação, bem como para a caracterização de processos inflamatórios, associado ao leucograma, constituindo-se num importante meio de diagnóstico.

IMPORTÂNCIA DA COCCIDIOSE NA AVICULTURA DE CORTE

SILVA, M.P.P¹; MARTINS-BASTOS, I.V^{2*}.

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: isavmartins@hotmail.com

Palavras-chave: frango de corte, profilaxia, coccidiose, *Eimeria*

A coccidiose é uma das doenças infecciosas de maior importância econômica na avicultura industrial mundial, atingindo granjas de frango de corte, matrizes e aves de postura. É reconhecida como doença parasitária que leva ao maior impacto econômico na produção de frangos. Perdas econômicas em todo o mundo foram estimadas em aproximadamente 1,5 bilhões de dólares anuais. Apesar do uso constante de anticoccidianos, cada vez mais se observa a impossibilidade de se erradicar ou controlar a coccidiose nas granjas. Dessa forma, objetivou-se realizar um levantamento bibliográfico sobre a importância da coccidiose na avicultura de corte, a partir de livros e artigos encontrados em periódicos e portais científicos. Causada por um protozoário do gênero *Eimeria*, que vive intracelularmente ao longo do epitélio intestinal de galinhas domésticas, apresenta sete espécies reconhecidas e de importância econômica para a avicultura, com alto grau de especificidade ao hospedeiro e ao intestino, sendo elas *E. mitis*, *E. necatrix*, *E. praecox*, *E. brunetti*, *E. acervullina*, *E. maxima* e *E. tenella*, onde estas três últimas são as mais comuns em frango de corte e tem a ocorrência monitorada, nessas criações, pelas lesões macroscópicas no intestino dos animais parasitados. As aves se infectam com as espécies de *Eimeria* quando ingerem água, ração ou cama de aviário, contaminados com oocistos esporulados. O primeiro processo dentro do hospedeiro é o de encistação. Os oocistos sofrem ruptura de sua membrana pela ação mecânica da moela quando os esporocistos são liberados. Estes pela ação da temperatura corpórea, de enzimas pancreáticas e de sais biliares, liberam os esporozoítos. Os esporozoítos saem através da abertura do esporocisto. Uma vez livre na luz intestinal, os esporozoítos invadem ativamente a célula hospedeira geralmente em um enterócito. Os sinais clínicos dependem do nível da infecção e da espécie de coccídio envolvida. Ainda, fatores envolvidos na patogênese da doença podem variar de acordo com as características próprias da cepa ou do isolado, fatores ambientais externos ou internos ao hospedeiro atuando sobre o parasita, características genéticas e estado imune do hospedeiro, podendo influenciar na severidade da infecção, e acarretar até a morte da ave. Os principais sinais são: palidez, desânimo cansaço e presença de sangue nas fezes. Os parasitos dificilmente são eliminados do plantel e a reinfecção pode ocorrer. O tratamento com sulfas mostra-se efetivo. O controle da coccidiose aviária baseia-se no manejo adequado da criação e no uso de drogas anticoccidianas na ração ou medicamentos na água de beber, além do desenvolvimento da imunidade contra a coccidiose. Atenção especial deve ser dada a cama, a qual deve ser mantida sempre limpa, os bebedouros e comedouros devem ser afastados e colocados fora do alcance da cama para que não haja contato com os dejetos. É primordial a boa ventilação do galpão. Trata-se de uma infecção de grande importância para a avicultura de corte por acarretar diversos prejuízos, não só para os animais, bem como para seus criadores, e ser de difícil controle.

IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO ANATOMOPATOLÓGICO DE ANIMAIS SILVESTRES EM MEDICINA VETERINÁRIA

PIRES, A.P.C.^{1*}; LEITE, H.R.¹; BRANDÃO, M.S.¹; JABOUR, F.F.²; ALBUQUERQUE, I.M.B.²

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: anap.castropires@gmail.com

Palavras-chave: necropsia, aves, répteis, mamíferos silvestres, patologia

A clínica médica e cirúrgica de animais selvagens vem adquirindo crescente relevância na prática veterinária, principalmente devido à popularidade na criação destes como animais de estimação. Nesse contexto, o diagnóstico de patologias se torna importante para adquirir informações nessa área, tendo em vista que as exigências estão cada vez maiores no que diz respeito ao diagnóstico adequado e ao tratamento especializado. A anatomia patológica é um recurso indispensável para o diagnóstico *in vivo* ou *post mortem* permitindo análises macroscópicas e microscópicas de diversas patologias, facilitando a avaliação dos seus componentes, de alterações e até mesmo identificando agentes etiológicos quando presentes. Este trabalho teve por objetivo fazer o levantamento dos casos de necropsia realizado no período de janeiro de 2006 a março de 2012 no setor de Anatomopatologia da Clínica Escola de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac. Para fins didáticos, os animais foram divididos conforme a sua classe taxonômica de origem. Durante o período, o setor recebeu 47 animais, destes, 42,55% (20) não apresentaram alterações ou não puderam ser diagnosticados e em 57,45% (27) dos animais foram diagnosticadas afecções, sendo que 41% (11) eram aves, 41% (11) eram mamíferos, e os 18% (05) restantes eram répteis. Entre as aves foi possível verificar uma multiplicidade de patologias, variando desde processos inflamatórios diversos até neoplasias e o papagaio verdadeiro (*Amazona aestiva*) se mostrou a espécie mais prevalente, estando presente em 06 dos 11 (54,5%) casos observados. No tocante a mamíferos silvestres, 05 das 11 ocorrências (45,5%) se tratavam de processos neoplásicos, enquanto 02 outras (18,2%) foram associadas a problemas circulatórios e os 36,3% restantes era composto de casos isolados de queimadura, choque hipovolêmico e mixomatose. Nos répteis, a tartaruga marinha (*Dermodochelys coriacea*) foi a espécie mais prevalente, aparecendo em 02 dos 05 casos, o que correspondeu a 40% do total. Conclui-se, portanto que o exame anatomopatológico é uma importante ferramenta para o Médico Veterinário tanto no auxílio diagnóstico quanto na elucidação de casos que levaram o animal à óbito.

CESMAC
CENTRO UNIVERSITÁRIO

RUPTURA DE LIGAMENTO CRUZADO CRANIAL EM CÃO - RELATO DE CASO

BULHÕES, A.A.V.C.^{1*}; BEZERRA, H.T.¹; SANDES, M.S.¹; MIRANDA, V.K.¹; TENÓRIO, W.¹; VILELA, L.M.²

¹Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: agnes_carvalho_14@hotmail.com

Palavras-chave: ligamento cruzado, cão, joelho

A ruptura do ligamento cruzado cranial (LCCr) é uma das afecções ortopédicas mais comumente encontrada nos cães, e é considerada uma das principais causas de claudicação nessa espécie. As forças excessivas durante a movimentação da articulação fêmuro-tíbio-patelar podem causar ruptura parcial ou total do LCCr. Embora o traumatismo excessivo cause uma ruptura aguda deste ligamento, acredita-se que a maioria das lesões, está associada a alterações degenerativas crônicas dos próprios ligamentos. Os sinais clínicos são dor intensa e claudicação sem o apoio ou com o apoio parcial do membro; em casos crônicos os pacientes apresentam claudicação prolongada, com o apoio total do membro, e exacerbada pelo exercício, podendo desenvolver instabilidade grave e doença articular degenerativa. É mais comum em cães de médio à grande porte, adultos, de qualquer raça, tendo maior ocorrência em cães obesos. O diagnóstico da RLCCr é realizado por meio da anamnese e histórico do paciente; do exame físico ortopédico, baseado no teste de gaveta cranial e teste de compressão tibial e alterações degenerativas da articulação, observadas através de exames radiográficos. Nos pacientes com peso inferior a 10 kg, indica-se o tratamento conservador, que inclui repouso e administração de drogas anti-inflamatórias. Já para cães com peso acima de 10 kg, o tratamento cirúrgico é o mais recomendado e tem como objetivo reconstituir o ligamento rompido, minimizando as alterações degenerativas progressivas. Esse trabalho teve como objetivo relata o caso de um canino da raça Perdigueiro Português, fêmea, pesando 17kg e com 4 anos de idade, atendido na Clínica Escola de Medicina Veterinária do Centro Universitário CESMAC, em Marechal Deodoro/AL, com histórico de claudicação em membro posterior esquerdo, há aproximadamente 2 meses. Ao exame físico ortopédico foi constatado movimento de gaveta cranial e dor intermitente na articulação femuro-tíbio-patelar esquerda. Na radiografia do joelho afetado observaram-se sinais leves de degeneração da cartilagem articular. O paciente foi então encaminhado para a cirurgia, onde realizou-se a reconstrução do LCCr com fio duplo de náilon nº1 por meio da técnica de estabilização extra capsular bilateral (o fio foi passado através de túnel criado na crista da tíbia e ao redor das fabelas femurais esquerda e direita). No pós-operatório foi realizada bandagem de Ehmer, administração de condroprotetores, anti-inflamatórios e analgésicos, e recomendado repouso por 40 dias. O paciente retornou após 15 dias para retirada dos pontos, apresentado melhora significativa na marcha, mas ainda havia quadro de instabilidade do joelho, isto deveu-se ao fato do proprietário não ter mantido o paciente em repouso e ter feito exercício, prejudicando assim o procedimento cirúrgico realizado. Neste caso, foi realizado o tratamento cirúrgico de reconstrução do ligamento, como recomendado na literatura para pacientes acima de 10kg, obtendo assim uma boa estabilidade articular. Pelo resultado obtido, conclui-se que o tratamento mais recomendado, independente da causa da lesão é o cirúrgico, principalmente para cães de médio à grande porte, permitindo assim boa estabilização do joelho e evitando a deterioração articular, devendo ser realizado o mais precocemente possível.

SÍNDROME DA DILATAÇÃO VOLVO GÁSTRICA EM CÃO – RELATO DE CASO

SANDES, M.S.¹; BULHÕES, A.A.V.C.^{1*}; BEZERRA, H.T.¹; ARAÚJO, T.L.¹; VILELA, L.M.²; TABOSA, J.H.C.²

¹Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

*e-mail: agnes_carvalho_14@hotmail.com

Palavras-chave: volvo gástrica, dilatação, cão, estômago

A síndrome da dilatação volvo gástrica (DVG) se refere ao aumento no volume gástrico, no qual o estômago distendido gira sobre seu eixo, levando a distúrbios fisiopatológicos e sistêmicos, que confere alto índice de óbito em pequenos animais. Os principais sinais clínicos são distensão abdominal, timpanismo, náusea, hipersalivação, sinais de choque hipovolêmico, angústia respiratória, dor abdominal, desconforto e colapsos. As consequências desta afecção podem ser trágicas, causando a morte em pouco tempo, quando os pacientes não são submetidos a um tratamento emergencial. Afeta, principalmente, cães de raças grandes e gigantes, sendo as mais acometidas o Dog Alemão, São Bernardo, Weimaraner, Setter Gordon, Rottweiler, Doberman, Pastor Alemão e Boxer; com 3 a 6 anos de idade e peso médio de 17 a 39kg. Sua etiologia é desconhecida, embora, alguns estudos revelam que a alimentação fornecida em menor número de vezes ao dia, o consumo de grande quantidade de alimento, o consumo rápido do alimento, a alta ingestão hídrica, exercícios após a alimentação e o consumo de alimentos ricos em grãos tem sido implicado como causas da DVG. O tratamento baseia-se inicialmente na estabilização do paciente, seguida de cirurgia, que visa o esvaziamento gástrico, colocação do estômago em posição anatômica e gastropexia; o prognóstico é de razoável a bom quando não há indicação de gastrectomia parcial. O presente trabalho teve como objetivo relatar um caso de torção gástrica e esplênica em um cão da raça Boxer, fêmea, com 3 anos e 6 meses de idade, pesando 22,5 kg, atendido na Clínica Escola de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, em Marechal Deodoro/AL, com histórico de sialorréia, anorexia, apatia, vômitos e emagrecimento progressivo há aproximadamente três semanas. O exame radiográfico contrastado do trato digestório, associado ao histórico e sinais clínicos do paciente, sugeriu uma dilatação gástrica com volvo; não descartando a suspeita de corpo estranho em esôfago distal. Assim, o paciente foi encaminhado para a cirurgia, onde se realizou laparotomia exploratória, gastrotomia, correção do local anatômico do estômago e baço, e gastropexia, conforme é recomendado na literatura. Foi observado, alterações na coloração e vascularização do estômago e baço, sendo estas umas das alterações mais comumente encontradas nesta afecção, segundo alguns autores. O tratamento de eleição é o cirúrgico, que tem como objetivos a correção do mau posicionamento gástrico, avaliação e tratamento da lesão isquêmica gástrica e esplênica, além da prevenção de recidivas.

TÉCNICAS DE MACERAÇÃO EM CRÂNIOS DE PINGUINS DE MAGALHÃES (*Spheniscus magellanicus* - Forster, 1781)

NOGUEIRA, A.C.J.^{1*}; MELO, E.G.¹; SOARES, E.E.¹; ALBUQUERQUE, I.M.B.²

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, Marechal Deodoro, AL, Brasil

*e-mail: alexandre.c.j.n@gmail.com

Palavras-chave: anatomia, silvestres, esqueleto, descarne

O preparo adequado de esqueletos tem grande importância, pois por meio dele podem-se adquirir peças ósseas de qualidade, mais propícias para estudos anatômicos e uso didático. Este preparo deve seguir algumas etapas. Inicialmente, deve-se evitar o uso de ossos de animais que tenham tido como causa da morte enfermidades ósseas, pois as mesmas podem descaracterizar as estruturas morfológicas originais. O próximo passo seria o descarnamento, o qual consiste na retirada da tela subcutânea e músculos, evitando danificar as superfícies ósseas. Esta etapa é realizada com o auxílio de instrumentos cirúrgicos de dissecação. A última etapa refere-se à maceração propriamente dita, ou seja, manter as estruturas anatômicas em substâncias específicas com capacidade para dissolver elementos não-ósseos. Nesta técnica, podem ser utilizados diferentes processos químicos, biológicos ou mecânicos, aplicados isoladamente ou combinados. Os processos químicos são, geralmente, os mais agressivos, porém possibilitam a obtenção mais rápida de resultados. Este trabalho teve por objetivo determinar qual a técnica de maceração mais eficaz em crânios de Pinguins de Magalhães e para tanto, nove crânios foram utilizados e estes divididos em três grupos, onde no grupo I utilizou-se a maceração com auxílio de água, no grupo II a técnica utilizada foi com água sanitária e no grupo III, água oxigenada. Antes da realização dos testes com as diferentes técnicas de maceração, todas as peças anatômicas utilizadas foram submetidas a processos manuais de limpeza em água corrente para retirada de sujidades e posterior remoção da pele. Os crânios ficaram imersos por vinte e quatro horas nos respectivos líquidos, foram fotografados imediatamente após a retirada do líquido e no fim do processo de dissecação (neste processo, retirou-se apenas fragmentos amolecidos de musculatura), voltaram para a imersão por mais vinte e quatro horas, onde se repetiu todo o processo até total limpeza. O grupo II obteve o processo completo de maceração em quatro dias, os grupos I e III precisaram de seis dias para conclusão dos trabalhos. O procedimento com água sanitária foi o mais satisfatório, pois além de não ter desarticulado nenhum osso, deixou o crânio limpo em menos tempo que os outros. No procedimento com água o odor fétido foi um fator marcante em relação aos outros dois procedimentos. Já com a água oxigenada não foi notado odor, porém provocou amolecimento do crânio e alguns ossos se desprenderam.